

RELAÇÕES SOCIAIS E ÉTICAS NO AMBIENTE ESCOLAR

Daniela de Lima Carvalho Pereira

Universidade Lusófona

Resumo:

O ser humano necessita se relacionar em diversos ambientes sociais, sendo assim, para que o mesmo seja de forma amigável deve ser respeitoso. No ambiente escolar não é diferente, os relacionamentos acontecem entre crianças, adolescentes e adultos a todo instante, as amizades e inimizades surgem, a noção de grupo e parcerias é garantida juntamente com as afinidades.

O respeito deve ser mantido dentro de qualquer lugar, mas na escola é que surgem as primeiras amizades, gostos, e indiferenças, é um convívio que começa na primeira infância e as diferenças ou indiferenças são apresentadas a partir das características de cada um.

Palavra Chave: Educação, ética e valores morais

A escola é um lugar onde o convívio é diário, portanto, mais fácil de entender e saber as habilidades e defeitos de quem se convive, sendo assim, também as pirraças e brigas são mais evidentes, pois as crianças se conhecem e sabem o gosto um do outro.

As interações sociais são constantes em uma instituição escolar, as crianças se veem, conversam, brincam e nesse convívio que normalmente os conflitos acontecem e que nas intervenções, os valores morais devem ser colocados em prática. O profissional que realiza a mediação deve ter conhecimento sobre como conduzir as intervenções para que garanta a autonomia da criança e busque na conversa a melhor maneira de resolver os conflitos.

As escolas são locais onde a sociedade deposita muitas expectativas em relação ao processo de formação das crianças e dos jovens. Neste sentido, além dos conteúdos das áreas disciplinares, é importante atender à educação para os valores que se insere na área da cidadania como uma vertente educativa fundamental para a formação de cidadãos mais reflexivos e mais intervenientes na vida coletiva (Serrão; Salema, 2013).

Atendendo às constantes dinâmicas da sociedade, as escolas e os agentes educativos devem procurar compreender os fenómenos emergentes e assim atuar no sentido de ultrapassar as barreiras que se colocam no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos. Neste desiderato, a busca pelo conhecimento é o que impulsiona a evolução humana e passa, em grande medida, pela pesquisa

científica, a qual leva-nos a conviver com essa evolução constante e a caminhos para novas sapiências.

Para uma pesquisa evoluir diante essa busca incessante por ideias novas, onde é necessário um direcionamento para que a pesquisa possa idealizar o todo, sem perder a essência de suas partes específicas.

“Dos distinciones permitirán definir mejor el objeto de la recogida de información y, consiquientemente, caracterizar sus diferentes métodos, a saber” (KETELE, 1995, p.160).

O objetivo geral na pesquisa tem a função de direcionar, podendo esclarecer em um único ponto, o objetivo, o qual deve ser esclarecedor, de modo a identificar a eficácia da pesquisa, através da conjectura formal do questionamento de onde partirá o foco principal que, neste caso, leva-nos a observar e analisar como os valores morais estão inseridos nas resoluções de conflitos entre crianças de 10 e 11 anos durante as interações sociais dentro e fora da sala de aula, em uma escola pública do município de Feira de Santana- Bahia.

A pesquisa por meio da observação dá ao investigador a possibilidade de conseguir dados sobre uma dada realidade, circunscrita à problemática e ao objeto em estudo. Esses dados são peças informações coletadas por meio de casos dos eventos enquanto eles acontecem (Lankshear; Knobel, 2008).

A observação é uma técnica de recolha de dados recorrente nos paradigmas de investigação de natureza qualitativa e particularmente nas ciências de educação. Neste sentido, Serrão (2015) considera que a observação, como técnica de recolha de dados, é frequentemente considerada pelos docentes e investigadores em vários contextos educacionais. Noutra perspectiva, a observação pode ser vista como “um instrumento de coleta de dados que permite a socialização sistemática do comportamento dos organismos, em situação natural ou de laboratório” (DANNA; MATOS, 1986, p. 28).

A habilidade de perceber o outro durante a interação social no ambiente escolar leva-nos a compreender a dedicação que o pesquisador tem durante o período das observações, cujo espaço físico em que se encontra é o do observado, então, o pesquisador deve ser solícito e ter atenção e cuidado nos espaços e pessoas envolvidas. A partir da observação deu-se maior ênfase ao trabalho de pesquisa científica para que o mesmo cumprisse a veracidade diante da pesquisa.

A observação científica se difere da observação do dia- a- dia, pois esta última não tem objetivo pré-estabelecido. A observação cotidiana é realizada em um espaço de convivência social diária, sem interpretação dos dados e sem procedimento de pesquisa, já a observação científica que é

sistemática e objetiva, caracteriza-se pelo direcionamento da pesquisa realizada, toda observação tem um relato escrito e objetivo a serem cumpridos. A observação é “sistemática pelo fato de ser planejada e conduzida em função de um objetivo” (DANNA; MATOS, 1986, p. 30).

Neste caso, a partir das observações foi descrito o convívio entre os participantes e outros tipos de interações sociais que aconteceram entre os alunos de uma escola pública do Estado da Bahia, cuja recolha de dados foi realizada mediante um plano de observação onde houve dias e horários predeterminados para a sua realização no campo da investigação e com base nas especificidades dos dados pretendidos e definidos nos objetivos da pesquisa. Questão a ser retomada mais adiante.

A pesquisa com observação traz aspectos do cotidiano das crianças, dentro de um período ininterrupto de tempo, ou seja, traz informações relevantes através de registro, buscando a sequência temporal em que os fatos se dão (Danna, 1986).

Para realizar a coleta de dados através da observação foi necessário muita dedicação, pois o objeto de estudo foi muito exigente e complexo, ou seja, corresponde ao conjunto de pessoas que estão em um ambiente escolar. “Observar es um processo que incluye la atención voluntaria y la inteligencia, orientadas por um objetivo terminal u organizador, y que está dirigido sobre um objeto para obtener de él información” (DE KATELE, 1980, p. 27).

Interações Sociais

A história social do ser humano está cheia de acontecimentos marcantes que buscam traçar caminhos ainda não estudados. Tem-se um mundo marcado por divisões sociais e que ainda vive extremas mudanças radicais, o que muitas vezes a sociedade não percebe. Na perspectiva das ideias de Comte (1890) se entendia que os estudos sociais deveriam ser pautados como os estudos das demais matérias das ciências naturais. Seria por meio do método científico que as normas e as regras gerais dos fenômenos sociais seriam entendidas, o que nos daria o poder de intervir nos problemas sociais de forma a resolvê-los e eliminá-los de nossa convivência.

A sociologia é uma ciência que estuda o homem que, por sua vez, faz parte da sociedade, o comportamento humano e o processo que interligam suas ações. Ela também pretende conceituar a sociedade a partir do ambiente que vive. Conceituar Sociologia dizendo que é “ um grupo de seres humanos que compartilham de um sistema autossuficiente de ação, o qual é capaz de existir mais tempo do que o próprio período de vida de um indivíduo” (LEVY et al., 1950, p.43).

Ela possibilita a percepção do mundo que os rodeia o ser humano, observando situações e comportamentos que parecem simples, mas que na sociologia são fenômenos que compreendem fatos históricos, sociais e emocionais.

Para Aberle (1950) “a identidade e continuidade de uma sociedade persistem e são inerentes no sistema de ação em que os atores participam [...]. Uma sociedade poderia, concebivelmente, sobreviver” (Apud MORRISH, 1975, p.44). Perceber a sua concepção consiste em entender o homem e suas ações por ser sustentada a partir de atitudes vivenciadas e repetidas pelo outro, ou seja, isso corresponde à ação social. Tal ação é de cada indivíduo transformada pela situação em que cada um vive.

A ação que é movida pelo indivíduo que constrói sua vida individual, depois do conhecimento de si, vai para a coletividade, como assegura que um “processo de seqüências de acontecimentos provocados por uma cadeia de motivação” BONETI (2008, p.21).

Reconhecer a escola como espaço social é algo que vem sendo estudado pelos sociólogos e educadores, a exemplo de Dewey (1916), um dos primeiros a reconhecer a importância da relação fundamental entre a escola e a sociedade. A concepção social da educação levou Durkheim (1956, p. 70) a argumentar que “não havia apenas uma forma de educação, ideal e real, mas numerosas formas; na verdade, havia tantas formas diferentes de educação quantos os milieus diferente de uma determinada sociedade”.

A Sociologia investiga a educação, que por sua vez, investiga, observa e analisa a atividade humana no seu ambiente e “investiga a educação como instituição” que parte de uma necessidade humana e pode ser investigada como instituição. (BONETI, 2008, p. 6)

Ainda segundo Boneti (2008, p. 6), a Sociologia tem “a educação como campo investigativo considerando que qualquer atividade humana constrói e é construída por processos educativos”. Ou seja, a Sociologia e a educação caminham juntas as duas tem sua contribuição importante para a sociedade. Mesmo a educação constituída por aprendizado, passados de geração em geração, traz uma representação empírica, que é representada pela sociologia. As ideias da teoria funcionalista pensam a sociedade como um corpo humano, onde tudo deve estar bem para que funcione regularmente. Assim seria um conjunto de vários espaços interligado entre si possibilitando o funcionamento.

“Através da educação, o ser transforma-se em social, mas a partir de uma homogeneidade relativa nas sociedades caracterizadas pela divisão do trabalho social” (DURKHEIM, 2010, p.15). Adiantando que cada pessoa tem a sua função estabelecida e para sair do individual e tornar-se coletivo, deve compartilhar suas conquistas. Cada sociedade fixa certo ideal de homem, do que ele

deve ser do ponto de vista intelectual, físico e moral, sendo esse ideal o próprio polo que norteia a educação. A sociedade só pode viver “se existir entre seus membros uma suficiente homogeneidade” (DURKHEIM, 2010, p.15). Assim, o indivíduo percebe a educação que o rodeia e cria estratégias para alcançar uma unidade comum.

A concepção social do homem pode ser concebida através das relações que estabelecem com o outro e consigo mesmo desde o nascimento. O convívio e a interação dele acontecem desde os primeiros minutos de vida, já que “o desenvolvimento e a aprendizagem estão inter-relacionados desde o nascimento da criança” (REGO, 1995 p.76). O ser humano nasce e estabelece nos primeiros momentos de vida a sua interação com o meio através do choro, riso, olhar, a partir do que ele deseja ou não. Para Zabala (1998, p. 93), as relações interativas facilitam o aprendizado. Essa relação de aprendizado vem a partir do respeito e compreensão do outro. Sendo assim, a partir do seu nascimento, a interação acontece o que representa uma parcela da sociedade enquanto sujeito social.

o ser humano é um misto de físico, afetivo e cognitivo, não devendo ser pensado de forma estática e desmembrada, uma vez que ele é único e indissociável. No entanto, este ser global não é acabado e sua constituição se dá a partir da interação com o outro. É essencial recordar este aspecto, base da teoria vygotskyana, que considera a interação social como fator fundamental no desenvolvimento das funções psicológicas caracteristicamente humanas (FREITAS, s.d., p. 96).

A interação social na perspectiva sócio-histórica permite pensar em um ser humano propício mudanças, como nos fala Martins (1992, p.116), sendo ele o causador de tal concepção que pode gerar situações de mudança social. Ela também é condição necessária para o desenvolvimento de uma sociedade. Por meio deste processo o sujeito se torna sociável e adquire comunicação, tornando a sociedade um sistema de símbolos, valores, normas adquiridas ao longo das conquistas e interações trazidas ao longo da história.

No espaço escolar a interação social torna-se algo importante para o desenvolvimento dos ambientes, lugar onde dificilmente é possível prever o que acontecerá, voltados para atitudes diárias de crianças que geram conflitos e são suscetíveis a equívocos. Assim sendo, os profissionais da educação que as acompanham precisam “oferecer ajuda adequada, no processo de construção, para

que o aluno possa enfrentar obstáculos pelos quais se depara” (ZABALA, 1998, p. 92). Além de formar cidadãos autônomos e capazes de resolver seus conflitos através do diálogo.

Entender a educação como processo de participação e interação e realizá-la no espaço como a escola, onde há inúmeras pessoas com histórias de vida diferentes e que carrega sua bagagem histórica e familiar suas raízes e defende-as, é complexo e bastante difícil. Mesmo assim, a escola busca essa convivência e interação.

Aprender requer troca de conhecimento e segundo Zabala (1998) é indispensável que haja um clima e um ambiente adequado para que o aprendizado flua. A criança precisa perceber o espaço escolar como um lugar de troca de experiências e que nele se iniciam as primeiras amizades e o convívio social. O convívio harmonioso entre os alunos e professores no espaço escolar deve acontecer em todos os ambientes para que reflita socialmente na sala de aula através do planejamento das aulas dos professores, enriquecendo o ambiente físico, social e cognitivo.

As interações estabelecidas na sala de aula são inevitáveis, no entanto, as mesmas devem acontecer de maneira respeitosa para estabelecer uma boa convivência entre os alunos e entre alunos e o professor. O processo de ensino e aprendizagem depende de uma boa relação entre ambos, é nessa interação social que a criança desenvolve o cognitivo, ampliando, assim, sua maneira de agir e interagir no meio em que vive.

A maneira que cada criança busca aprendizado tem suas características, provando que o processo cognitivo de cada criança é diferente. Nas interações e intervenções é preciso perceber constantemente situações de aprendizagem, sendo que elas “dependem das características singulares de cada aprendiz” (ZABALA, 1998, p. 34). O professor tem o papel fundamental na interação social “onde o processo de ensino e aprendizagem ocorre em decorrência de interações sucessivas entre pessoas”, e nas escolas esse contato acontece com frequência trazendo experiências sociais no cotidiano. (TASSONI, 2000, p. 6). A partir dela o aluno pode conquistar novos desafios, lembrando que o professor serve de mediador desse processo.

É preciso perceber que o desafio ao “ensinar envolve estabelecer uma série de relações”, e nessa perspectiva de relações e troca envolve-se as interações entre professor/aluno, aluno/aluno. A partir disso, o envolvimento estabelece as relações e o aprendizado acontece, informação passada por Zabala (1998, p. 90). As interações na sala de aula são necessárias para desenvolver habilidades das crianças no que sintam dificuldade, mas que em meio à dificuldade consiga se desenvolver por ter alguém em quem possa confiar. O profissional de educação deve estar atento para passar essa segurança às crianças em sala. Interação, troca e confiança. “As relações interativas necessárias para

facilitar a aprendizagem se deduz uma série de funções dos professores, que tem como ponto de partida o seu planejamento” (ZABALA, 1998, p. 92).

Por fim, a Sociologia traz aspectos pontuais da vida em sociedade e alguns autores trazem essa perspectiva de maneira clara como Dewey (1916) que defende a perspectiva da evolução da sociedade. Nesse contexto, defende a posição em que a Sociologia e a educação devem caminhar juntas, pois entender o processo histórico, perceber atitudes e desenvolvimento do ser humano são objetivos dessa ciência, apesar da educação ter suas conquistas em relação ao desenvolvimento humano educacional e social por percebe o crescimento e a evolução.

1.1.1. Estratégias de Resolução de conflito e suas sanções.

A escola tem um papel fundamental na formação social do indivíduo, tendo como objetivo proposto, organizar situações de convívio sociais através do recreio, jogos e trabalhos grupais, para que assim, um cidadão comprometido consigo mesmo e com o outro seja formado. Assim sendo, formar um cidadão em uma escola que ofereça a todos um espaço ideal de conversa e compartilhamento de opiniões ainda está longe de acontecer. Apesar da perspectiva da escola ser trabalhar juntamente com a comunidade, para que a mesma possa participar do processo de ensino aprendizagem das crianças. Bock (2002) enfatiza que a Psicologia, no âmbito da educação, foi construindo formas de compreensão do ser humano. Tais condutas no espaço escolar são compreendidas a partir das relações que se estabelecem entre si, e dando atenção às diferentes subjetividades construídas na relação com a cultura e a sociedade.

O maior desafio da escola é a construção do social através da empatia no processo de ensino-aprendizagem que perpassa a convivência, pois se deve levar em consideração todo percurso histórico familiar. Em um ambiente escolar, o convívio social se faz a todo instante, muitas pessoas se encontram no mesmo espaço físico, mas com histórias de vida e credices diferentes. Tudo isso em um ambiente tão diversificado, onde existe a possibilidade de divergências conflituosas, pois cada um tem opiniões diversificadas sobre muitas situações do cotidiano. É nesse contexto que o conflito poder ser iniciado, pois o conflito de ideias é diverso.

Segundo Neves (2011, p. 582) para que o conflito aconteça é necessário que uma das partes interprete de maneira equivocada e que haja uma forma de interação ou interdependência entre as partes. No ambiente escolar esse tipo de atitude é algo comum, pois é um espaço de reflexão onde todos tem o direito de opinar e refletir sobre suas ideias e buscar melhorar ou intensificar e justificar o

que defende e pensa. O conflito é visto como algo negativo, porque alguns profissionais que ainda não conhecem toda a dinâmica de resolução do mesmo podem não entender e pensar no conflito como algo difícil de lidar. Mas é a partir dele que se conseguem avanços em relação a algumas situações. É no conflito que se pode pensar nas atitudes e refletir sobre o ato do real conflito. “Alguns autores referem-se ao conflito de forma negativa, associando-o a uma ideia de perigo ou de malefício”

O conflito deve ser visto como inevitável num local como a escola, onde as crianças convivem diariamente, então devem acontecer com frequência e serem resolvidos pelas crianças com a orientação e mediação de um adulto. Ortega Ruiz (2002) defende que o “conflito é uma situação de diferença de critério, de interesses ou de posição pessoal em face de uma situação que afeta mais do que um indivíduo. Quando as pessoas têm um estatuto social semelhante e capacidade para se enfrentarem na dita situação, estão em condições de afrontar conflitos e de resolvê-los criativamente” (AMADO e FREIRE, 2002, p. 24).

Na escola o conflito acontece através de uma conversa com divergências de opiniões que através do diálogo podem ser resolvidos, mas há aqueles com agressões verbais e físicas que uma intervenção mais séria de um adulto deve ocorrer para que o respeito prevaleça e que atitude não se repita. Quando eles acontecem a escola deve ter em seu regimento interno sanções que possam levar o aluno a refletir sobre seus atos, e podem ser construídas no ambiente escolar pelos funcionários e alunos da própria escola ou serem deferidas pela direção e professores. As sanções são realizadas dentro da escola para que a mesma tenha regras que não possam ferir a integridade física e moral de todos que nela convivem apesar da escola ter o dever de agir dessa maneira. Entretanto, algumas muitas vezes são vistas como punições.

Apesar de ter obrigação de construir essas regras internas que muitas vezes põe ordem, disciplina e o respeito naquele espaço, a escola deve estar atenta, porque as sanções previstas no regimento escolar não podem afrontar os princípios fundamentais e constitucionais (assegurados a todo cidadão), e em especial à criança e o adolescente, que tem o direito de acesso e permanência no ambiente escolar.

A resolução do conflito perpassa pelas conversas para construções de estratégias que possam entender o processo de mediação e assim caminhar junto com a criança na busca de resolução de conflito de maneira harmoniosa e bem sucedida. Negociar a sanção pretendida a cada caso de violação de direitos dentro da escola é uma estratégia de resolução usada nas escolas como busca de solução. “A escolha de soluções para resolver a diversidade conflitual, é função de uma multiplicidade de

condicionantes, entre as quais se destacam a natureza do objeto da divergência, as características das partes e o tempo disponível” (NEVES e CARVALHO, 2011, p. 595).

Os conflitos mais simples e que todos da escola tomam conhecimento devem ser conversados em sala para que todos saibam o que aconteceu e para que cada um possa pensar em que maneira resolver, mesmo sem direcionar as crianças ao caso ou relatar o nome das mesmas para que não sejam expostas no grupo. Dessa maneira pode gerar uma discussão, uma conversa para que assim não venha ocorrer o mesmo conflito futuramente. Existem alguns fatores fundamentais para uma resolução adequada de problemas, como utilizar o diálogo, aproveitando adequadamente a comunicação como um instrumento útil para pedir opiniões. BALLEMATO (2008, p. 142).

Assim sendo, o diálogo é uma estratégia para a resolução de conflito quando, diante dele, algumas crianças não conseguem relatar o acontecido. Ela precisa de tempo para falar, outras só falam com um adulto de sua confiança, atitude normal e que deve ser respeitada, pois a criança está em uma situação de constrangimento e precisa de apoio e confiança para conversar. Para que as estratégias de resolução de conflito avancem é necessário compreender o outro e se colocar no lugar dele é imprescindível para que seja resolvido. O adulto deve mediar de maneira harmoniosa, ouvindo as duas partes e tentando ser imparcial para que pensem e resolvam da melhor maneira. Ou seja, “a mediação é uma forma de resolver os conflitos, em que as duas partes em confronto recorrem a uma terceira pessoa imparcial, que neste caso é o mediador” (TORREGO, 2003, p.5).

Normalmente o mediador do ambiente escolar é o professor que busca, através de estudos sobre moralidade, mediação e resolução de conflitos, intercedendo diante das situações diversas que acontecem dentro da escola.

Atendendo aos objetivos da observação e na base das opções metodológica, procede-se, neste capítulo, ao tratamento e à análise das observações efetuadas no contexto da pesquisa sobre relações interpessoais e resoluções de conflitos e valores morais no ambiente escolar.

A investigadora, durante as observações, procurou não se envolver nem interagir com o grupo alunos que observava, havendo a preocupação em recolher os dados de forma rigorosa e neutra, tendo em vista os seus objetivos específicos. Assim, tendo em conta o quadro teórico de referência, as observações foram realizadas de acordo com os objetivos da investigação, segundo as descrições referidas no ponto referente às técnicas de recolha de dados.

Conclusão



As observações realizaram-se, segundo as exigências éticas, a pesquisa avançou com o protocolo de observação que especificou áreas físicas e situações de convívio e interação no ambiente escolar e com as autorizações formais requeridas (Anexo #) que se refere ao ofício da faculdade para autorização da observação, autorização do colégio para observação no espaço físico da mesma, guia de observação, plano de observação, guia de entrevista.

As observações foram realizadas no Colégio X, no Bairro parque Ipê, na cidade de Feira de Santana-Bahia - Brasil, um colégio com um espaço físico amplo aberto e outro espaço fechado (com cobertura), arborizado, com bancos de cimento para as crianças lancharem e descasarem no intervalo das aulas (recreio), mesas e cadeiras na parte coberta com jogos para se distraírem nos momentos oportunos, diversas salas, cozinha, banheiro social para crianças e para adultos, secretaria, recepção e diretoria. As observações foram realizadas com crianças do Ensino Fundamental I nos meses de outubro, novembro e dezembro do ano de 2016 em sala com uma professora para o grupo de 30 crianças.

Durante as dezessete observações realizadas no período de duas horas no turno da tarde duas vezes por semana, foram registradas interações entre a professora e os alunos. As observações foram focalizadas na prática da professora e nas suas interações com os alunos, abrangendo o maior número de contextos, inclusive o do intervalo.

Antes de iniciar as observações, a investigadora foi ao colégio para perceber sua estrutura física e educacional para que pudesse analisar o contexto social percebendo se haveria condições de realizar as observações, sendo a mesma localizada em bairro periférico e se haveria um contexto adequado para assegurar a observação com o objetivo de pesquisa.

Foi dado a conhecer alguns procedimentos e cuidados a ter aquando das observações, por parte da investigadora, no que concerne à identidade das crianças. Assim, por razões éticas, de maneira a salvaguardar a identidade dos alunos, foram atribuídos nomes fictícios aos participantes.

Daniela de Lima Carvalho Pereira.

Universidade Lusófona

Referências

- BALLENATO, G. (2008). *Educar sem Gritar. Pais e Filhos: Convivência ou Sobrevivência?* Lisboa. Editora: A Esfera dos Livros
- BOCK, Ana Mercês Bahia, **Psicologia em Construção**. In: *Psicologia: Uma Introdução aos Estudos de Psicologia*, Saraiva 2002.
- DANNA, Marida Fernandes. MATOS, Maria Amélia. *Ensinando observação: Uma introdução*. Edicon. São Paulo. 1986.
- DE KETELE, J.M. ROEGIERS, X. *Metodología para la recogida de información*. Editora La Muralla.
- DEWEY, J., *The Shool and society*(University of Chicago Press, 1900) e *Democracy and Education* (Macmillan, 1916;reeditado em 1955)
- DURKHEIM, Emile. *Educação e Sociologia*. 7ª edição. São Paulo, Melhoramentos. 1967.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. *Vygotsky e Bakhtin – Psicologia e Educação: um intertexto*. 2ª ed. s/l: Ática, EDUFJF, ABDR, s/d.
- LANKSHEAR, Colin, Michele Knobel;pesquisa pedagógica: do projeto à implementação; tradução Magda França Lopes. Porto Alegre: Artemed, 2008
- SERRÃO Freitas, J., & Salema, H. (2013). *Educação para a cidadania global na senda dos direitos humanos e do desenvolvimento*. In B. D. Silva, L. S. Almeida, A. Barca, M. PERALBO, A. Franco, & P. Monginho (Eds.), *XII Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia* (pp. 910-922). Braga: Universidade de Braga Instituto de Educação. (ISBN 978-989-8525-22.2).
- TORREGO, J. (Coord.). (2003). *Mediação de Conflitos em Instituições Educacionais. Manual para a Formação de Mediadores*. Lisboa: Edições ASA.